



CONFLITOS INTERNOS NO PARAGUAI PÓS-GUERRA (1870-1904): ENUMERAÇÃO, CONTEXTO E IMPACTO

INTERNAL CONFLICTS IN POSTWAR PARAGUAY (1870-1904):

ENUMERATION, CONTEXT AND IMPACT

PRADO, Mário Lemos Flores do¹

<http://orcid.org/0000-0002-4109-781X>

RESUMO: Este trabalho busca enumerar, contextualizar e narrar o impacto dos principais conflitos internos que ocorreram nas décadas posteriores à Guerra da Tríplice Aliança no Paraguai. A partir de tais informações, foi desenvolvida uma breve análise destes conflitos como um todo, buscando uma compreensão maior das motivações por trás de tais contendidas, e o grau de participação popular nas mesmas; o último ponto é em particular importante, devido à imagem criada por diversos autores, tanto paraguaios como estrangeiros, no século XX, de uma passividade política do povo paraguaio ao longo do século XIX. Por fim, foi feita uma breve comparação com movimentos que ocorreram no Brasil Império sob circunstâncias similares, de modo a definir os fatores subjacentes aos conflitos internos que são exclusivos ao Paraguai e os que não o são.

PALAVRAS-CHAVE: História do Paraguai; Conflitos Internos; História Comparada; Era Liberal Paraguaia; Geopolítica.

ABSTRACT: This work's purpose lies in listing, contextualizing and describing the impact of Paraguay's main internal conflicts in the decades after the War of the Triple Alliance. From this data, a brief analysis was developed, aiming to achieve a better understanding of the questions which lay behind these struggles and the extent of popular participation in them. This last issue is especially important, due to an image, created by various authors, Paraguayan and foreign, in the twentieth century, of political passivity by the Paraguayan people throughout the nineteenth century. Lastly, a brief comparison was made with movements that shook up the Empire of Brazil under similar circumstances.

KEYWORDS: Paraguayan History; Internal Conflicts; Comparative History; Paraguayan Liberal Era; Geopolitics.

1 Mestre em História Econômica pela Universidade de São Paulo, Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Campinas. Associado correspondente ao Comitê Paraguaio de Ciências Históricas (CPCH). E-mail: mariolp1@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Existe um grande divisor de águas no século XIX paraguaio: a Guerra da Tríplice Aliança. Um país antes estável politicamente, com um grau alto de centralização e em um processo de modernização autônoma importante, ainda que relativamente lento, foi devastado ao longo de cinco anos de conflito nos quais lutou sozinho contra seus vizinhos ao leste e ao sul.

Resta, ao Paraguai pós-guerra, uma matriz demográfica fundamentalmente desbalanceada, majoritariamente feminina, com poucos adultos, dentre estes muitos inválidos (PRADO, 2022, p. 159-171). Por seis anos ocupado por tropas estrangeiras, preso a grandes empréstimos tomados em Londres em 1871 e 1872, num montante total de 3 milhões de libras esterlinas (das quais uma quantia ínfima alcança os cofres públicos) (MOLINIER, 2012, p. 210-213), com uma constituição liberal sem possuir qualquer tradição democrática prévia (CLAUDE, 2012), o futuro não parecia sorrir ao país.

Tais fatores tornaram praticamente inevitável a instabilidade política que caracterizou as décadas posteriores à guerra. O objetivo deste trabalho é discutir os principais levantes e conflitos internos que balançaram o país durante tal período, seus fatores em comum e diferenças, de modo a tentar descobrir padrões entre os mesmos. Assim, foi realizada uma breve análise política e social dos movimentos em conjunto.

Com tal análise realizada, um exercício em história comparada foi feito, especificamente contrastando a história dos movimentos analisados para com a de algumas das revoltas do período regencial do Brasil Império. Com isso se almejou obter uma noção, em termos relativos, dos fatores subjacentes aos movimentos paraguaios em termos de sua exclusividade.

A historiografia do Paraguai é dominada por análises tradicionais, conduzidas principalmente por autores paraguaios. O uso da história comparada como instrumento neste artigo foi feito devido a uma crença sincera em que esta tem a capacidade de agregar ao entendimento comum de fenômenos e processos na história paraguaia, ao relativizá-los e contrastá-los com ocorridos na história de outras nações. Com isto, se busca ter uma melhor compreensão quanto a quais processos são exclusivos ao Paraguai (e perspectivas quanto aos motivos por trás de tal exclusividade) e quais fazem parte de processos históricos mais amplos.

Apesar dos tempos históricos divergentes sob os movimentos analisados no Brasil e no Paraguai, ambos os países se encontravam em pontos cruciais de seus processos de formação nacional. No Paraguai se definia o alinhamento ideológico e geopolítico do país

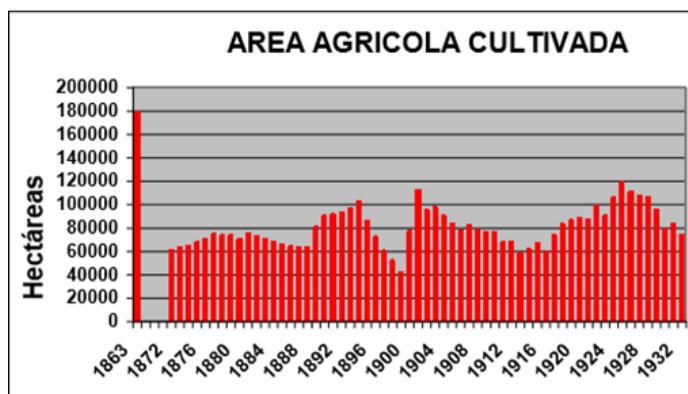
após a Guerra da Tríplice Aliança e no Brasil se definia a manutenção ou não do projeto imperial que fora adotado na independência, como será discutido.

EVOLUÇÃO DOS ACONTECIMENTOS POLÍTICOS

No Paraguai, findada a Guerra da Tríplice Aliança, o poder fora concedido pelas autoridades da ocupação brasileira (WHIGHAM, 2015, p. 1099-1107) a um triunvirato composto por dois combatentes paraguaios que lutaram em conjunto com os aliados durante a guerra, e um ex-soldado lopista que havia conspirado sem sucesso contra López.

Este, impotente, logo é suplantado por um regime presidencialista introduzido pela Constituição de 1870. Neste ponto da história, a maior parte da população se concentra em Assunção, entre os escombros da guerra. A estrutura produtiva do país havia sido quase completamente desorganizada. (DECOUD, 1925).

Gráfico 1.1: Área Agrícola Cultivada no Paraguai em hectares, 1868-1932



Fonte: (KRAUER, 2011)

A evolução da área agrícola cultivada demonstrada no gráfico 1.1 ilustra a aguda situação, e a tendência demonstrada neste esquema se provará correlata de modo próximo com os conflitos a serem expostos na próxima seção deste artigo. Importante é notar a magnitude da queda em área cultivada entre o pré-guerra e o pós-guerra.

A década seguinte traz consigo maior estabilidade, tanto em termos econômicos, quanto sociais e políticos. O poder se consolida nas mãos do general Bernardino Caballero, que é presidente entre 1880 e 1886. A elite se divide entre Colorados e Liberais no final da década, os primeiros conservadores ², respaldados por ex-funcionários e militares do

² Ao menos no papel os laços ideológicos dentro dos partidos paraguaios do pós-guerra tomam um segundo plano frente aos laços pessoalistas entre seus membros, cf. WARREN, 1985, p. 39-43.

regime de López, e os últimos liberais, com um importante núcleo de veteranos da Legião Paraguaia, corpo alinhado com a Tríplice Aliança durante a Guerra (WARREN, 1985, p. 64-70).

Desde a primeira revolta no Paraguai pós-guerra, se observa uma divisão entre a elite paraguaia, principalmente entre os membros mais influentes do período, o oficialato.

Este se vê cindido inicialmente entre aqueles que haviam permanecido leais a López, de soldados que haviam sido presos nas batalhas iniciais da guerra àqueles que haviam permanecido ao lado do marechal até os últimos combates, contra os tantos que se encontravam em exílio no início da guerra e se alinharam com as forças aliadas, ou outros que desertaram do exército paraguaio ao longo do conflito, por qualquer motivo que seja.

Existem múltiplas exceções em tal cisão. O exemplo mais notável é o de José Segundo Decoud, intelectual liberal de peso, que após os movimentos de 1874 se juntou àqueles que se tornariam os Colorados, nas mãos dos quais via o futuro do país.

A Constituição de 1870 é a mais longeva da história do Paraguai, durando até 1940. Justificando isso, podem ser levantadas duas hipóteses: ou era um marco legal visto como adequado pelos diversos grupos políticos em atuação, ou faltava a estes força política, quando assumiam o poder, para introduzir uma nova constituição que lhes favorecesse³.

Independente do resto do que estipulava esta Constituição, em específico o sistema eleitoral paraguaio era fraco, incapaz de promover eleições livres. Como será demonstrado ao longo do texto, a maior parte dos processos eleitorais foram palco de violência entre apoiadores dos dois blocos políticos principais, e a primeira eleição em que se foi possível votar em dois candidatos de partidos distintos à presidência foi a de 1928 (BAREIRO; SOTO, 2006, p. 744). O simples fato de golpes se tornarem um meio comum de transição de poder é o maior testemunho de tal falha.

Depois da politicamente turbulenta década de 1870, temos uma comparativamente estável década seguinte. Tal decênio é palco, porém, de um controverso processo de venda de terras (KLEINPENNING, 2014, p. 195-213). O Estado paraguaio possuía uma arrecadação baixíssima, principalmente advinda de taxas alfandegárias, e era assim incapaz de realizar obras necessárias ou até mesmo sustentar a máquina pública. A busca pela liquidez por parte do governo Colorado culmina na venda de mais da metade do território nacional para, principalmente, conglomerados estrangeiros (PRADO, 2022, p. 85-97), criando um problema

3 Somos parciais à primeira hipótese; Warren em seu livro *Rebirth of the Paraguayan Republic* defende que é apenas a falta de visão de Caballero que o impede de alterar o marco legal em seu favor em vários pontos da história, mas a desenvoltura de Caballero, antes, durante e depois de seu mandato como presidente nos levam a discordar disso.

na estrutura fundiária paraguaia⁴ que perdura até hoje.

Também foram vendidos outros ativos do Estado, exemplo mais marcante sendo as ferrovias do país, construídas ainda no governo de Carlos Antonio López, que foram vendidas em 1877, readquiridas em 1886, e que dois anos depois foram novamente vendidas para um consórcio inglês (NICKSON, 2003, p. 440-441). A liquidez obtida de tais vendas é, porém, o principal fator determinante numa breve retomada do crescimento econômico no período.

O esgotamento do modelo de venda de terras representaria por si só uma barreira à continuação deste modelo de reconstrução no início da década de 1890; em conjunto com a Crise de Baring no ano de 1890 (LENZ, 2006, p. 387), um golpe mortal é dado aos avanços econômicos que vinham sendo alcançados pelos Colorados.

A década de 1890 representa um período de recessão econômica, combinado com grande instabilidade em termos monetários; por trás disso esteve uma tentativa falha de atrelar o peso forte paraguaio à moeda argentina. Este cenário de incerteza e estagnação persiste até o início do século seguinte, e é um fator determinante para o mais impactante dentre os movimentos analisados na próxima seção, a Revolução Liberal de 1904.

Os Colorados, de 1891 em diante, se dividem em duas facções mais proeminentes, uma chefiada pelo general Caballero e outra pelo general Egusquiza, presidente entre 1894 e 1898 (GÓMEZ, 2019, p. 13). Com isso, as divisões anteriores, também pessoalistas, são ou superadas ou tem sua importância reduzida.

Já os Liberais, desde o princípio, se dividem entre cívicos, liderados pelo General Benigno Ferreira, que viria a ser presidente entre 1906 e 1908, tomando e perdendo o poder através de golpes de estado, e entre radicais, sob a influência de Cecílio Baez, intelectual liberal de proeminência, presidente durante alguns meses entre 1905 e 1906 (AQUINO, 1985, p. 203).

A despeito das distinções ideológicas, ambos os partidos executam políticas econômicas e sociais similares, como será visto após a Revolução de 1904, na qual os Liberais finalmente tomam o poder após as várias décadas de dominância dos Colorados.

CONFLITOS

Revolta do Tacuaral de 1871

Tacuaral (atual Ypacaraí) era, em 1871, uma pequena cidade, nascida ao redor da

4 Já no período estudado os camponeses fazem marchas e protestos frente a este processo, que lhes tira terras que cultivavam há gerações, sob a tutela do Estado; era um esquema herdado de Francia, que por sua vez o adaptou dos ranchos reais preexistentes.

Estação ferroviária Tacuaral, localizada 50 quilômetros a leste da capital. Foi o centro do que seria a primeira revolta no Paraguai pós-guerra, comandada pelo então Coronel Patricio Escobar, motivada pela dissolução do congresso pelo presidente Rivarola (PESOA, 1979, p. 21-22).

Este movimento teve a participação de importantes membros da elite, como Antonio Taboada e Silvano Godoy (PIZARRO, 2001, p. 320); o último foi, em 1879, líder de sua própria revolta.

O levante, porém, teve seus planos vazados ao governo após sua erupção, que ocorreu em 25 de novembro de 1871. Seus líderes acabam por se dispersar sem dar combate, alguns sendo presos (SEGATTO, 2017, p. 120).

No fim, o fato deste movimento ser malsucedido não foi tão significativo. O clima político instável fez com que Rivarola renunciasse em 18 de dezembro de 1871, assumindo seu vice, Salvador Jovellanos. Rivarola seria, nos anos seguintes, uma força desestabilizadora em sua propriedade rural ao sul do país. (WARREN; WARREN, 1978).

Revolta de Março de 1873

Este movimento é fruto da fraqueza e ineficácia do governo de Salvador Jovellanos. Incapaz de reverter as tormentas econômicas pelas quais passava o país, se vê frente à insatisfação do general Caballero e seus aliados, que decidem pegar em armas, visando tomar o poder (WARREN; WARREN, 1978).

A despeito dos revoltosos terem entre suas fileiras nomes como Escobar, Taboada e outros oficiais de destaque da Guerra do Paraguai, o exército governista prova estar à altura de combatê-los, principalmente sob a capaz liderança do ministro da guerra, Benigno Ferreira, ex-legionário⁵.

A batalha final do conflito se dá em Assunção, no que Ferreira comanda com sucesso uma defesa da capital. A batalha exaure os recursos dos revoltosos, que são forçados a recuar. Eles mantiveram, porém, sua liberdade, algo que se provou problemático para Jovellanos e Ferreira alguns meses depois.

Revolta de Junho de 1873

A falha em suprimir completamente os revoltosos de março de 1873 permite que Caballero e seus aliados, poucos meses depois, novamente tentem alcançar o poder por

5 Ou seja, era um veterano da Legião Paraguaia, força que combatera ao lado das forças da Tríplice Aliança nos anos finais da Guerra do Paraguai.

via das armas.

Os levantes têm significativo apoio argentino. Isto se justifica devido aos mesmos desgostarem da postura firme de Ferreira frente à cessão do Chaco⁶ (questão que permanecia em aberto desde o fim da guerra). Caballero e seu aliado civil, Bareiro, eram conhecidos *brasileñistas*, mas mostravam maior flexibilidade quanto a esta questão.

É interessante a atuação de Mitre, ex-presidente argentino, em conjunto com as autoridades brasileiras, para apoiar o governo paraguaio neste segundo movimento. Estes, no que Caballero marchava contra a despreparada Assunção, negociaram um curto armistício com o general, de modo, ao menos ostensivo, a evacuar a população civil da cidade. Este tempo teria sido suficiente para o exército governista fortificar a praça central de Assunção e conseguir derrotar a nova investida rebelde (SEGATTO, 2017, p. 146).

Warren atribui, parcialmente, a falha da empreitada do grupo de imigrantes ingleses conhecido como Lincolnshire Farmers ao modo como esta revolta e a de março ocuparam os recursos e atenções do governo de Jovellanos (WARREN, 1965, p. 126).

Revolta de Janeiro de 1874

No ápice da influência de Ferreira sobre o governo, após a supressão das Revoltas de 1873, um novo levante liderado pelo general Bernardino Caballero teve sucesso militar, mandando Ferreira para o exílio (AQUINO, 1985, p. 50-51). Uma continuação da revolta anterior, teve mais uma vez apoio argentino. Novamente intervieram os brasileiros.

No lugar de uma tomada do poder por Caballero e Bareiro, Gill, ex-presidente do congresso, foi conduzido à presidência numa belonave brasileira (o que se concretizou em outubro apenas) (SILVA, 1998, p. 100). Claramente pró-Brasil, as forças de ocupação brasileiras seriam o principal pilar de seu mandato (como poderá ser visto no episódio da Revolução do Comandante Molas, descrito a seguir).

A Revolta de Janeiro de 1874, em conjunto com aquelas dos anos anteriores, teve um impacto negativo significativo sobre as já sobrecarregadas finanças públicas. O Estado era mantido com base nas magras rendas aduaneiras, e o combate de cada revolta impunha pesados gastos com soldos, mantimentos e munições para o exército. Mais de uma vez o governo de Jovellanos teve de recorrer a empréstimos internos tomados de modo compulsório (AQUINO, 1985, p. 51).

6 As fronteiras entre Argentina e Paraguai no Chaco só seriam fixadas definitivamente em 1879, após arbitragem norte-americana. Antes disso, permanecia uma disputa entre os dois países quanto a extensão do território a ser cedido à Argentina.

Neste ponto da história, o Paraguai não possuía arrecadação anual suficiente para sustentar, sem déficits, a folha de pagamentos básica da administração central, entre presidente, legislativo, ministros e seus respectivos funcionários, e o serviço do empréstimo contraído com Londres.

Revolução do comandante Molas

José Dolores Molas era um dentre vários oficiais que haviam obtido destaque na Guerra do Paraguai e se viam reduzidos a líderes políticos locais no pós-guerra. Insatisfeito com o estado do exército, que havia sido muito reduzido em tamanho por razões financeiras após a Revolta de Janeiro de 1874, convoca vários oficiais com noções similares (como, por exemplo, o major Silvano Godoy) (PIZARRO, 2001, p. 320) e inicia um levante no sul do país, alguns meses após o movimento anterior (KALLSEN, 1983, p. 27).

Inicialmente conta com o apoio de Caballero e Bareiro, porém estes abandonam o movimento, temerosos de perderem os ministérios que lhes haviam sido concedidos meses atrás. Tentam, então, comprar Molas com a oferta de um generalato, que é recusado (PIZARRO, 2001, p. 320).

Apesar de obter vitórias iniciais sobre o exército governista, o movimento logo acaba após uma decisiva intervenção das forças de ocupação brasileiras, requisitada por Jovellanos em abril de 1874 (PIZARRO, 2001, p. 321). Molas e outros oficiais têm de se exilar na Argentina. A necessidade de tal intervenção brasileira é um grande desprestígio para o governo de Jovellanos, e constitui um facilitador à transição do poder para as mãos de Gill, em outubro do mesmo ano.

Revolta de Serrano

O general German Serrano, que fornece seu nome para este movimento, era um influente membro do gabinete do presidente Gill, ocupando a posição de ministro do interior. Pró-Brasil, sua presença no gabinete era mais um indicador da tendência política de Gill. Tentando ampliar seu apoio político dentre as elites, Gill despede Serrano e outros de seus ministros mais favoráveis ao Brasil em outubro de 1875 (WARREN; WARREN, 1978).

Serrano deixa o país para um breve exílio em Corrientes, na Argentina, onde mobiliza alguns recursos com cidadãos brasileiros que haviam sido prejudicados por decisões afins de Gill. Penetra até Caacupé, 50 quilômetros a leste de Assunção, e ali consegue levantar menos de 100 revoltosos em dezembro do mesmo ano. É derrotado em combate aberto, dias depois, capturado, e, posteriormente, executado em campo (AQUINO, 1985, p. 54-55).

A falta de impacto deste movimento é perceptível na falta de fontes e de documentação sobre o mesmo, cujo escopo foi limitado e cuja supressão foi deveras eficaz.

Intentona de 1877

Em 1877, o presidente Gill, assaz impopular, se via sem meios de permanecer no poder, algo determinado pelo egresso das tropas de ocupação brasileira do Paraguai em 1876 (SILVA, 1998, p. 100). O poderio militar e diplomático brasileiro havia sido o grande fator garantidor de sua tomada do poder em 1874, conforme descrito anteriormente, e permanecera como seu principal sustentáculo até não mais existir.

Sem este, Gill se viu com poucos aliados na capital, o que abriu o caminho para seu assassinato em 12 de abril de 1877, quando caminhava da sua casa até o palácio. Os praticantes de tal ato, lopistas, buscavam com isso entregar a capital à desordem, abrindo o caminho para as tropas do ex-presidente Rivarola, que dias antes iniciara uma ofensiva no sul do país, partindo de sua propriedade rural (WARREN; WARREN, 1978).

A planejada desordem na capital não se concretizou, e as tropas de Rivarola foram derrotadas (mas não destruídas). Esta seria a última tentativa de retornar ao poder por parte de Rivarola, que em 1878, no que conduz uma guerrilha nas cordilheiras, é perdoado pelo presidente Bareiro. Em Assunção, algum tempo depois, Rivarola foi assassinado por mascarados a punhaladas, na frente de múltiplos espectadores.

O poder então, brevemente, foi para as mãos de Higinio Uriarte, o vice de Gill, graças ao apoio de Caballero e Escobar, ministro da guerra. Uriarte programou eleições para 1878, e estas são vencidas por Bareiro, candidato dos lopistas, já que o único candidato possível de oposição, Facundo Machaín, diplomata de renome, foi preso e posteriormente executado numa suposta rebelião no cárcere, junto com o Comandante Molas, que havia retornado ao país, entre outros dissidentes⁷.

Constituiu uma indubitável vitória para os lopistas, que conseguiram consolidar o poder em suas mãos utilizando circunstâncias que, ao menos teoricamente, fugiam ao controle dos mesmos. É desconhecido se os assassinos de Gill estavam ou não a mando de um ou outro líder Colorado, como por exemplo Caballero.

Intentona de don Juan Silvano Godoy

⁷ Este evento é controverso; não há, porém, de que tenhamos conhecimento, autor contemporâneo que defenda a legitimidade destas mortes, ou sequer a existência de uma rebelião no cárcere. Uma boa descrição do evento, ainda que apaixonada, pode ser lida no primeiro livro de *Hombres y Epocas del Paraguay*, de Arturo Bray.

Movimento lançado com apoio de oficiais argentinos, a intentona de don Juan Silvano Godoy, também conhecida por expedição revolucionária do Galileo, é uma das menos impactantes revoltas neste período da história paraguaia. Deu-se em 1879, ano localizado num período relativamente estável em termos políticos e econômicos; o presidente Bareiro mostrou ser um administrador hábil, preocupado com as finanças públicas e a idoneidade de seus oficiais (WARREN, 1985, p. 42-44).

Godoy foi um dos envolvidos no assassinato do presidente Gill, entre outros movimentos, e encontrava-se em exílio em Buenos Aires. Orquestra, com o auxílio de demais exilados paraguaios, a compra de um navio mercante armado, o Galileo (CHURUKIAN, 1992, p. 122).

O Galileo sobe o rio Paraguai, capturando vilas no que o faz, e, com 500 homens a bordo, logo ameaça Assunção, quando é interceptado pelo Taraguay, da marinha paraguaia. O Galileo então hasteia a bandeira argentina, e entre os navios rivais cruza o Resguardo, da marinha portenha.

Neste impasse, o Resguardo recebe ordens de Buenos Aires. Enquanto a expedição de Godoy havia sido auxiliada em sua execução por oficiais argentinos, o governo argentino em si não concordava com esta, e a via como fadada ao fracasso. Ordena ao Resguardo que retorne à Argentina, e Godoy logo se vê obrigado a segui-lo (WARREN, 1985, p. 47-49).

Seu maior impacto jaz em trazer popularidade ao presidente Bareiro, que respondeu de modo rápido à crise, declarando um estado de sítio e mobilizando a guarda nacional logo que chega a notícia da invasão à capital.

Golpe de 1880

No que viria a constituir um *modus operandi* clássico nos golpes executados pelo Partido Colorado, o General Caballero força a renúncia do vice-presidente Saguier no evento da morte inesperada, devido a um infarto, do então presidente Cândido Bareiro; em seguida, faz com que o congresso o nomeie presidente em seu lugar, concluindo o mandato de Bareiro (WARREN, 1985, p. 51-52) e, aproveitando uma brecha na constituição, se reelege em 1882, deixando a presidência apenas em 1886 (WARREN, 1985, p. 57-59).

Caballero prova ser um líder hábil, ainda que controverso, e que tem em mãos apoio brasileiro (DORATIOTO, 1994, p. 148). Seu governo é um dos mais estáveis no período em questão, em que sua decisão de vender as terras estatais permite ao governo um funcionamento salutar e o início de um (breve) período de crescimento econômico.

Sedição de 1889

Criminosos, cujos líderes portam o sobrenome López⁸ (WARREN, 1985, p. 284), tomam a cidade de San Pedro, ao norte de Assunção⁹, onde se concentram os combates. Aparentemente tomaram também Villarrica¹⁰, principal cidade do interior paraguaio, antes de sua derrota.

Constitui a única vez na qual é declarado o estado de sítio sobre o país na década de 1880, um importante contraste para com a década anterior. São mortos oficiais como o coronel Alfara¹¹ e 20 soldados¹² no primeiro combate. Este movimento é um dos menos bem-conhecidos do período, parcialmente devido à decisão do governo de censurar os jornais em relação às ocorrências da sedição¹³.

Intentona Liberal de 1891

Como era característico das eleições que ocorreram no período em questão, a eleição de 1890 foi problemática. Havia sido, nos meses anteriores à esta, firmado um acordo entre as lideranças Coloradas e Liberais de que o partido das últimas poderia nomear um candidato. Desacordos posteriores entre os dois partidos, porém, fizeram com que a eleição possuísse apenas o nome de Juan Gonzáles, Colorado, para a presidência (DORATIOTO, 1994, p. 151).

A eleição de fevereiro de 1891 foi, por sua vez, marcada em particular por ampla violência entre governistas e seus opositores Liberais. Colorados armados roubaram urnas de seções eleitorais e lançaram mão da violência para diretamente impedir que os opositores votassem; vários jornalistas opostos ao governo foram exilados ou espancados (LEWIS, 2016, p. 90 apud GÓMEZ, 2019, p. 13). Isto se deu mesmo com a recusa Liberal em participar do pleito, depois das controvérsias da eleição anterior.

Em 18 de outubro de 1891, então, os Liberais se organizam em vários grupos armados de 25-30 homens (num total de menos de 700), atacando diversos quartéis das forças armadas, as residências dos generais Caballero e Escobar, ambos ex-presidentes, e também alguns pontos centrais da infraestrutura da capital, buscando obter a rendição das forças armadas e policiais, e, posteriormente, com a capital em mãos, a nomeação de um

8 O Espirito-Santense, Vitória, 29/05/1889.

9 Correio da Manhã, Lisboa, 04/06/1889.

10 Diario do Commercio, Rio de Janeiro, 31/05/1889; Correio da Manhã, Lisboa, 23/06/1889.

11 Correio da Manhã, Lisboa, 16/06/1889.

12 O Liberal do Pará, Belém, 20/06/1889.

13 The Rio News, Rio de Janeiro, 27/05/1889; Diario do Commercio, Rio de Janeiro, 22/05/1889.

candidato próprio à presidência.

Como o dia escolhido era um domingo, esperavam os insurretos que a maior parte dos soldados estivesse de folga; no fim, porém, o movimento foi batido por força de armas, os objetivos centrais não sendo atingidos, com o então Tenente Coronel Egusquiza, ministro da guerra, tendo um papel central na organização da resistência aos ataques dos rebeldes (WARREN, 1985, p. 83).

Este movimento tem sua significância maior na ruptura que leva ao partido Colorado, com o surgimento do General Egusquiza como figura proeminente neste. Até o fim do intervalo sendo analisado neste artigo, e também a ele posteriormente, os Colorados se veem divididos no geral entre as facções de Caballero e Egusquiza (GÓMEZ, 2019, p. 13).

Na prática, as condições de repressão violenta aos liberais perduram sem grandes mudanças, garantidas pelo domínio Colorado do exército, organizado ao longo do período de modo pessoalista (ARMADANS, 2015, p. 40-41), e os frequentes exílios e prisões impostos aos líderes Liberais.

O clima instável do país perdura ao longo da primeira metade de 1892, com alguns liberais como Antonio Taboada travando um conflito de guerrilha, atacando delegacias em busca de armamentos, de modo infrutífero. O estado de sítio só é levantado pelo governo em setembro do mesmo ano (WARREN, 1985, p. 83).

Golpe de 1894

Egusquiza não deixaria o presidente cujo mandato protegera na ocasião descrita terminá-lo. Em 1894 organiza um golpe, tirando Gonzáles do poder em favor de seu vice. Findo o mandato deste, assume o poder Egusquiza (WARREN, 1985, p. 94-95). Segue o *modus operandi* já descrito no golpe de 1880.

Egusquiza foi motivado por Gonzáles ter nomeado José Segundo Decoud, um dos principais ideólogos dentre os Colorados e constante presença nos governos destes, como seu candidato à presidência (SILVA, 1998, p. 104-105). O general, que já havia deixado o posto de ministro da guerra em preparação à sua nomeação, reage conforme citado, com a colaboração de Caballero, e também do Brasil, que era opositor à candidatura de Decoud. O movimento foi custeado pelo ministro residente brasileiro, Amaro Cavalcanti (DORATIOTO, 1994, p. 164).

Na eleição, a chapa de Egusquiza teve como vice-presidente Facundo Caballero, médico e sobrinho do General Caballero (DORATIOTO, 1994, p. 165). Neste momento, as tensões entre as duas principais facções dos Colorados não estavam ainda tão acirradas.

Golpe de 1902

Proveniente da já mencionada dualidade faccional dentre o Partido Colorado, dividido entre *caballeristas* e *egusquicistas*, este movimento é perpetrado por membros da primeira facção sobre o presidente Aceval, que pertencia à segunda.

Aceval é preso, forçado a renunciar, e seu vice, Carvallo, torna-se presidente até 25 de novembro do mesmo ano, assim terminando o mandato que Aceval deveria cumprir (o golpe se produziu no mês de janeiro) (GÓMEZ, 2019, p. 15). O candidato original de Caballero foi morto numa das escaramuças contra as forças governistas que acompanharam o golpe (KRAUER, 1983, p. 18).

Nos meses posteriores ao golpe, ainda que de modo relativamente independente deste, produziu-se uma crise econômica, com uma brusca queda no valor produzido pelo setor agrícola (KRAUER, 2011). As medidas tomadas frente à crise, inicialmente, foram limitadas a um aumento nos impostos sobre a exportação de couros, as quais haviam crescido significativamente nos anos anteriores, sem muito sucesso.

Já em 1903, foi planejado um ambicioso plano de reforma fiscal, aduaneira e cambial. Este aumentava a carga tributária sobre a economia e sobre as exportações em geral, além de realizar pesadas emissões monetárias, sem lastro (GÓMEZ, 2019, p. 16). O plano não surtiu efeito significativo sobre as finanças nacionais, que se viam mais uma vez em péssimo estado (KRAUER, 1983, p. 24) e piorou a situação, em termos econômicos, do paraguaio médio.

Revolução Liberal de 1904

A Revolução de 1904 representa a culminação dos movimentos anteriores. É um movimento engendrado em parte significativa pela falha na política econômica implementada pelos colorados a partir de 1890. Armado e de toda sorte apoiado pela Argentina, o movimento, na prática, se resume a uma invasão do Paraguai por liberais, vindos do vizinho austral, num navio mercante convertido, o *Sajonia*, com apoio da facção colorada *egusquicista* (GÓMEZ, 2019, p. 22-25).

Após uma vitoriosa batalha naval entre o *Sajonia* e o *Villa Rica*, governista, onde o último acaba encalhado nas margens do rio Paraguai, os revolucionários, com o controle da navegação do país, tomam sucessivamente as cidades do país que não Assunção, num movimento de pinça, muitas vezes com apoio da população destas localidades.

Quatro meses após o início da campanha, o governo, isolado, desertado por seus

aliados mais próximos, se rende.

Seu sucesso, onde todos os outros movimentos de sorte similar por parte dos liberais falharam, pode ser atribuído à uma diversidade de fatores que separam este movimento dos anteriores. A Argentina apoiou de modo intenso este movimento, tanto em termos econômicos quanto de armamento; o Brasil, por sua vez, único sustentáculo externo do governo, muito pouco fez por ele (GÓMEZ, 2019, p. 22).

A questão da participação de voluntários civis no movimento é um interessante diferencial frente às outras revoltas abordadas. Justificando tal discrepância temos provavelmente a insatisfação com o cenário econômico, há tempos desanimador, e também com o impopular presidente em exercício, Escurra, no geral.

Ocasionalmente, devido à já mencionada natureza pessoalista da organização do exército, grupos de civis eram armados por líderes políticos locais e convocados ao combate em ambos os lados de vários dos conflitos mencionados, conforme apontado pela historiadora Ana Valinotti em seu *La Guerra civil del Centenario*, onde ela os denomina de *motoneiros*. O entendimento do peso do envolvimento de tais grupos de milicianos é, porém, limitado. Considerando as condições para a entrada destes camponeses nos conflitos, não podem ser vistos como forças populares em ação.

A vitória liberal em 1904 traz consigo o ponto mais baixo da influência brasileira no Paraguai desde a guerra; por mais que esta viesse declinando desde a proclamação da república, o cônsul brasileiro continuara até então um personagem importante na política em Assunção. Teria-se uma reaproximação, e esta, breve, com o governo do Coronel Albino Jara, de 1911 (DORATIOTO, 2012, p. 180).

Os ocorridos em 1904 não resolveriam, de modo algum, as questões internas paraguaias. O jogo político continuaria praticamente sem qualquer pausa. Uma das facções de Liberais (os cívicos), excluídos do poder pelos outros Liberais (radicais), logo se uniria aos Colorados em seu dissenso contra o regime instituído.

Sucessivos golpes em 1908 e em 1911 também não resolveriam as questões latentes no país. No mesmo ano de 1911 se teria uma violenta guerra civil, com milhares de mortos. Esta seria uma dentre três apenas na primeira metade do século XX, sem contar a Revolução Febrerista em 1936, de similar magnitude.

REVOLTAS NO BRASIL REGENCIAL: UM EXERCÍCIO DE HISTÓRIA COMPARADA

O Brasil Império, em 7 de abril de 1831, entraria, do dia para a noite, em um instável

regime regencial, de certo modo ilegítimo aos olhos da população. Enquanto o mandato de Dom Pedro I fora turbulento e, no seu crepúsculo, aparentemente insustentável, o vácuo de poder deixado pela partida deste muitas vezes pareceu mais desestabilizador do que a presença do mesmo.

A multitude de revoltas regionais no período regencial aponta para problemas institucionais amplos. Entre o início da regência e o fim da Revolta dos Farrapos passaram pouco menos de 14 anos, e ao longo destes as revoltas que balançaram o Brasil surgiram de motivos aparentemente nada correlatos. Por que, então, a concentração temporal das mesmas?

Tenhamos como exemplo, para tal pergunta tentar responder, três dentre os movimentos mais icônicos e impactantes do período regencial: a Sabinada, a Balaiada e a Guerra dos Farrapos. Claro é que não são representativos de todas as tensões sociais que balançavam o país no período, mas têm entre si vários pontos em comum que permitirão uma análise mais clara dos fatores a eles subjacentes.

A Sabinada se resume a um cerco de quatro meses à Salvador, tomada pelos revoltosos (nov/1837 a mar/1838); estes eram, inicialmente, formados por uma união entre oficiais do Exército ressentidos com reformas militares conduzidas na primeira metade da década de 1830, aliados à oficiais das milícias, cujos batalhões foram extintos em 1831, em conjunto com membros da elite local. A elite era liderada, por sua vez, por Francisco Sabino, médico e militar, cuja inspiração ideológica jazia nos iluministas franceses (VIANNA, 2008, p. 69-79).

Teve, após seu início, grande apoio dos homens livres pobres e dos escravos, que aos montes foram se juntar aos revoltosos, vendo no movimento a oportunidade de acabar com a discriminação que vivenciavam. Foram os que mais sofreram na brutal repressão que veio após a derrota militar do movimento (KRAAY, 2011, p. 278-281).

Por sua vez, a Balaiada é um levante das classes populares maranhenses, inflamadas por uma incipiente cultura liberal que se formara no estado no início do século XIX.

Nos intervalos da economia de plantation de arroz e algodão baseada em trabalho escravo do estado se desenvolveu um campesinato relativamente autônomo, produzindo para o mercado interno ou vivendo em auto subsistência, formado de indígenas aldeados, escravos libertos ou quilombolas e emigrantes do sertão.

Em 1817, tem-se uma crise na economia de exportação, mas o poder continua concentrado nas mãos de alguns poucos produtores de algodão, marginalizando e gerando insatisfação nos produtores de gado e mandioca do sul do estado. Os camponeses, por

questões de trabalho, também se viam opostos aos algodoeiros.

Levanta então, em 1838, Raimundo Gomes, vaqueiro, uma coluna de revoltosos que toma várias cidades ao sul do estado do Maranhão, e que se espalha ao Piauí. Tinham os rebeldes demandas como a expulsão dos portugueses e a renúncia do presidente da província, e o fim de leis centralizadoras como a lei dos prefeitos (ASSUNÇÃO, 2011, p. 306).

Só é derrotada, finalmente, em 1841, por uma intervenção militar decisiva do governo central na figura de Caxias. Alencastro, em seu artigo *Memórias da Balaiada*, interpreta o movimento como algo que se insere na formação do Estado brasileiro centralizado, processo o qual se dá em grande parte pela força.

Por fim, a Guerra dos Farrapos foi uma rebelião separatista por parte da elite gaúcha, e provavelmente o movimento mais icônico do período sendo analisado. Dura 10 anos, começando em 1835 e terminando em 1845. É difícil ao exército brasileiro, a despeito de sua superioridade em números, bater o exército farroupilha, devido principalmente à superior mobilidade do último, algo que se atribui a este ser composto, fundamentalmente, pela cavalaria, arma da qual tinha falta o exército imperial (GUAZZELLI, 2011, p. 234-236).

Gradualmente, através da superioridade numérica, amplificada pelo atrito de anos de conflito, de modo possibilitado pela liderança de Caxias, que emula as táticas farroupilhas, o exército imperial ganha a vantagem na disputa.

A supressão final da revolta se dá com um acordo leniente para com as elites dos revoltosos, no que estes já haviam há anos percebido a impossibilidade de uma vitória militar sobre as forças brasileiras, mas negociavam por um acordo melhor, principalmente frente à questões controversas, como o tratamento a ser dispensado aos escravos que haviam sido alistados no exército farroupilha (LEITMAN, 1977, p. 253-254).

Tendo estes três conflitos específicos em mente, a principal diferença que se vê frente aos conflitos paraguaios vistos anteriormente é o fato de serem, por natureza, regionais. Dantas, no epílogo de sua compilação de artigos sobre o papel dos livres pobres e libertos nas revoltas brasileiras do XIX, em conjunto com o já mencionado artigo de Alencastro sobre a Balaiada, nos fornecem o principal fator originário desta característica: a falta da consolidação do Estado-nação.

O que temos no Brasil, portanto, são elites locais em conflito com o Estado para manter ou ampliar seus privilégios, ou camponeses em conflito com as mesmas elites, afastados dos *policy-makers* no Rio de Janeiro. A dispersão geográfica e cultural da população impedia que as instituições impostas pelo centro fossem compatíveis com as

diversas realidades existentes no país, gerando tensões e conflitos como o Quebra-Quilos.

Compartilhamos da visão exposta por Kraay em seu artigo sobre a Sabinada de que muitos dos movimentos do período regencial são de contestação aos projetos de nação das elites, por parte dos, como o mesmo autor coloca, grupos excluídos. A nosso ver, porém, há de ser explícito o uso do plural, elites, e não elite, como o mesmo faz, pois no Brasil Império havia significativa divergência entre os interesses das diversas elites regionais, e, com isso, diversos projetos de poder, tanto regionais quanto nacionais.

Revoltas e conflitos de escopo nacional surgirão no Brasil apenas quase cem anos depois, com movimentos como a Coluna Prestes e a Revolução de 1930. Neste ponto da história, o Estado brasileiro já é muito mais consolidado, e os meios de transporte modernos interligam as outrora tão apartadas províncias. Deixaram de existir situações como, por exemplo, o Maranhão estar mais conectado economicamente à Europa (ALENCASTRO, 1989, p. 10) do que ao resto do país.

Frente a isto, o Paraguai tem, já no período estudado, uma elite consolidada num bloco, o assuncenho. Enquanto esta se subdivide em várias facções políticas baseadas em lealdades pessoais e familiares, não irão estas determinar regionalismos. Praticamente todos os movimentos narrados têm um escopo nacional, pois seria inviável subdividir um país cuja elite era assim monolítica.

Especificamente, o Brasil estava, de modo turbulento, se reorganizando, um processo no qual classes sociais e facções regionais se acotovelavam por posições melhores numa nova ordem em constituição. No Paraguai se tem um Estado que fora constituído sobre a vontade de aço de Francia e o ímpeto dos López derrubado pelas chamas da guerra. No seu lugar, um marco inconstitucional irreal é introduzido, dando espaço para que as vorazes elites se digladiem mirando o poder e a riqueza que este acompanhava¹⁴.

Por sua vez, muito do que acontece com o Paraguai no período pode ser atribuído à sua posição geográfica: mediterrâneo, o que faz suas exportações menos competitivas do que as de seus vizinhos, e situado entre a Argentina e o Brasil, o que tornou seu território durante o período analisado num campo de batalha de uma verdadeira guerra fria entre as duas potências regionais, com seus altos e baixos. A vitória da Revolução de 1904 representou um triunfo argentino, após décadas de tentativas de minar a posição brasileira no país. O status quo era geralmente (e nesse caso, definitivamente) do interesse das

14 Na economia paraguaia do pós-guerra, poucos eram os membros da elite com grandes propriedades agrárias ou comerciais. A necessidade de ocupar cargos públicos gera o que Warren determina como *empleomanía*, uma cobiça exacerbada por postos no governo, e esta certamente contribuiu para a impermanência dos governos do país durante o período.

autoridades brasileiras, que mais de uma vez intervieram contra movimentos rebeldes¹⁵.

Parte significativa das revoltas até 1879 partem de território argentino, com apoio bélico e financeiro da mesma nação, e a Revolução de 1904 deve seu sucesso, em grande parte, também ao pesado apoio portenho. De modo similar, alguns movimentos, como por exemplo o golpe de 1894, tem envolvimento brasileiro significativo, conforme a influência em Assunção das duas potências variava. Fatores assim definitivamente faltam na experiência brasileira de instabilidade discutida.

O Brasil tem o alívio de seus conflitos com o Golpe da Maioridade e a consequente hegemonia conservadora no poder; predomina doravante o projeto nacional destes. O Paraguai, porém, não consegue obter tal resolução tão cedo, sendo o poder dos dois blocos principais da elite demasiado equilibrado. Foi apenas nas décadas de 1940 e 1950, com as violentas ditaduras de Higinio Morínigo e Stroessner, que o país obteve algum respaldo.

CONCLUSÃO

Ao longo da exposição da seção *Conflitos*, se fazem aparentes as principais características que unem os movimentos paraguaios descritos. Como golpes e revoltas eram o único meio de obter a alternância ao poder, normalmente um bloco da elite excluído do aparato estatal organiza uma revolta por terra, ou pelo Rio Paraguai. Como a alternância de poder representava a perda de influência ou brasileira ou argentina, a potência que influía menos em Assunção no momento geralmente financiava ou supria o movimento.

As constantemente tensas finanças paraguaias garantiam que o exército governista era pequeno em número, mas também o eram geralmente as tropas dos revoltosos, compostas de alguns experientes militares, muitas vezes veteranos da Tríplice Aliança, e algumas centenas de camponeses de regiões controladas pelos rebeldes¹⁶. Devido a isso pode ser observada uma grande correlação entre o bom desempenho econômico e a estabilidade política - um Estado com contas saudáveis conseguia manter a lealdade dos políticos do interior, um exército forte e empregar um número grande da elite, diminuindo o ímpeto para tomadas violentas do poder. Isso, por sua vez, motivou a execução de políticas econômicas imediatistas como a venda de mais da metade do território nacional num espaço de poucos anos.

É interessante notar também como é grande, em termos absolutos, a quantidade de

15 Por exemplo, nos casos da revolta do comandante Molas e de janeiro de 1874.

16 Algo a que também é responsável o desbalanço entre gêneros da população paraguaia do pós-guerra.

golpes que são orquestrados, tanto os que têm sucesso quanto os que não têm (uma média de pouco mais de um a cada três anos no período analisado), apontando para uma escala importante nos desequilíbrios que assolavam o país. Além dos problemas institucionais, se percebe um certo equilíbrio de poder entre Liberais e Colorados, dado que nenhum dos dois grupos tinha a capacidade de derrotar definitivamente o outro.

Houveram outros movimentos e conflitos no Paraguai no período em questão, mas estes não possuíam escopo nacional ou sequer regional. Alguns, como o tumulto na comunidade italiana de Assunção do início da década de 1870, narrado por Decoud em seu *Sobre los escombros de la guerra*, de 1925, não deixam de ser, a despeito disso, interessantes. Este, em específico, mostra a tensão social presente nas comunidades de imigrantes no Paraguai da época, ampliada pela proibição de que estes tomassem postos no governo (WARREN, 1985, p. 42-44).

Seria, porém, um hercúleo trabalho tentar listar tais movimentos locais. O citado é familiar à historiografia atual por ter sido preservado por um historiador coevo, que era parente do diretor do jornal que fora o alvo da ira da comunidade italiana. Quantos outros movimentos similares não foram assim preservados, ainda mais quando restritos a comunidades rurais?

Os movimentos aqui listados seguem um padrão: uma facção de militares ou ex-militares, excluídos de participação do governo, ou fazendo parte deste mas desejando ocupar a cadeira presidencial, iniciam ofensivas militares no geral partindo da Argentina, ou, alternativamente, no caso dos golpes de Caballero e Egusquiza, simplesmente forçam a quem desejam depor à renúncia. Contam com pouca participação popular, e o apoio de uma das duas potências regionais, Brasil ou Argentina, é quase onipresente.

Arturo Bray, veterano do Chaco, da Primeira Guerra Mundial e diplomata, no primeiro livro de *Hombres y Epocas del Paraguay*, irá afirmar o seguinte sobre a diferença de caráter entre a Revolução de 1904 e os movimentos prévios:

Los liberales, hartos de ser sableados en los días de elección y desalentados por el fracaso de Egusquiza, se lanzan al movimiento armado en 1904, acaso el único verdaderamente popular y justificado de cuantos hemos tenido. Es quizá la única revolución que en el Paraguay contemporáneo fue realmente popular, pues las que vinieron luego - y fueron muchas - apenas merecen la categoría de simples revueltas armadas.

Enquanto é uma visão deveras categórica, é compatível com os fatos. Outros movimentos listados como, por exemplo, a Intentona de 1874 e a Intentona Liberal de 1891, foram no geral executados por um número relativamente pequeno (menos de mil) de

experientes soldados politicamente ativos, dado que no primeiro movimento, os quadros dos revoltosos eram majoritariamente formados por veteranos lopistas da Guerra do Paraguai, e no segundo, formaram o movimento algumas poucas centenas de aguerridos Liberais, já testados em combate contra os Colorados em embates menores, comandados por oficiais, alguns veteranos da guerra, outros treinados na Argentina.

A Revolução de 1904 foi liderada pelos Liberais embarcados no *Sajonia*, mas assumiu um caráter nacional e popular como nunca antes na história paraguaia ocorrera. As mazelas econômicas e sociais que o governo Escurra não conseguiu resolver (tanto aquelas que haviam sido herdadas, quanto as que surgiram durante o mesmo) se provaram muitas para a inação do povo paraguaio.

Seria, de certo modo, um movimento único na história paraguaia. Outros, como a Revolução Febrerista, teriam pautas às quais grande parte do povo paraguaio demonstrava simpatia, porém seriam planejados e executados por militares.

A comparação com conflitos à primeira vista similares do Brasil Império, como a Sabinada, serve para evidenciar as singularidades do Paraguai pós-guerra. Ambos os países estavam num momento de constituição nacional. Por mais que o Paraguai tivesse seus problemas exacerbados pela influência desestabilizadora ora argentina, ora brasileira, e, inicialmente, pela ocupação a que fora vitimado pelas potências vencedoras, seus conflitos geralmente tinham motivações internas suficientes por conta própria, como no caso brasileiro.

O que diferencia os conflitos internos do Paraguai pós-guerra frente àqueles do Brasil Império é o caráter nacional dos primeiros. Conflitos de âmbito nacional seriam vistos no Brasil apenas no século XX, enquanto já em 1873 no Paraguai, escassos três anos após a morte de López na Guerra da Tríplice Aliança, forças rebeldes faziam poderosos avanços da fronteira sul do país rumo à Assunção. As zonas que não foram visitadas pelos conflitos eram apenas aquelas escassamente povoadas, como por exemplo a fronteira norte com o Brasil.

Assim podemos concluir que enquanto ambos os países partilhavam de processos históricos similares (organização nacional), as circunstâncias ao redor destes eram assaz diversas, algo próprio de nações tão heterogêneas.

BIBLIOGRAFIA

ALENCASTRO, Luiz. Memórias da Balaiada. Introdução ao relato de Gonçalves de Magalhães. In: *Novos Estudos*, n. 23, São Paulo: CEBRAP, 1989, pp. 7-13.

AQUINO, Ricardo. *La segunda república paraguaya, 1869-1906: política, economía y sociedad*. Assunção: Arte Nuevo, 1985.

ARMADANS, Claudio. El reclutamiento militar en la posguerra (1869-1904). In: *Violencia(s) - Reflexiones sobre sus diversas formas en Paraguay*. Assunção: Arandurã, 2015.

ASSUNÇÃO, Matthias. “Sustentar a Constituição e a Santa Religião Católica, amar a Pátria e o Imperador”. Liberalismo popular e o ideário da Balaiada no Maranhão. In: DANTAS, Monica (org.). *Revoltas, motins, revoluções: homens livres pobres e libertos no Brasil do século XIX*. São Paulo: Alameda, 2011.

BAREIRO, Line; SOTO, Lilian. Regulación jurídica de los partidos políticos en Paraguay. In: ZOVATTO, Daniel (org.). *Regulación jurídica de los partidos políticos en América Latina*. Cidade do México: UNAM, 2006.

BRAY, Arturo. *Hombres y Epocas del Paraguay*, libro primero. Assunção: El Lector, 1986.

CHURUKIAN, Araxie. The Juan Silvano Godoi Collection at the University of California, Riverside. In: *Latin American Research Review*, vol. 27, n. 1, Pittsburgh: Latin American Studies Association, 1992, pp. 121-124.

CLAUDE, Luis. *Historia Constitucional del Paraguay (Período 1870-2012)*. [S.I.], 2012. Disponível em <https://luislezcanoclaude.wordpress.com/2012/08/15/169/>. Acesso em 5 de janeiro de 2021.

DANTAS, Monica Duarte. Epílogo. Homens livres pobres e libertos e o aprendizado da política no Império”. In: DANTAS, Monica (org.). *Revoltas, motins, revoluções: homens livres pobres e libertos no Brasil do século XIX*. São Paulo: Alameda, 2011.

DECOUD, Hector. *Sobre los escombros de la guerra: una década de vida nacional, 1869-1880*. Assunção: H. Kraus, 1925.

DORATIOTO, Francisco. A participação brasileira no golpe de Estado de 1894 no Paraguai: A Missão Cavalcanti. In: *T.E.X.T.O.S DE H.I.S.T.Ó.R.I.A*, v. 2, n. 4, Brasília: Universidade de Brasília, 1994, pp. 145-174.

_____. *Relações Brasil-Paraguai: Afastamento, tensões e reaproximação (1889-1954)*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

GÓMEZ, Bárbara. Los inicios de la conflictividad política: la revolución de 1904. In: *Novapolis*, n. 15, Assunção: Arandurã, 2019, pp. 11-34.

GUZZELLI, César. Libertos, gaúchos, peões livres e a Guerra dos Farrapos. In: DANTAS, Monica (org.). *Revoltas, motins, revoluções: homens livres pobres e libertos no Brasil do século XIX*. São Paulo: Alameda, 2011.

KALLSEN, Osvaldo. *Historia del Paraguay Contemporaneo 1869-1983*. Assunção: Modelo, 1983.

KLEINPENNING, Jan. *Paraguay rural 1870-1963*. Una geografía del progreso, el pillaje y la pobreza. Assunção: Tiempo de Historia, 2014.

KRAAY, Hendrik. “Tão assustadora quanto inesperada”: A Sabinada baiana, 1837-1838. In: DANTAS, Monica (org.). *Revoltas, motins, revoluções: homens livres pobres e libertos no Brasil do século XIX*. São Paulo, Alameda: 2011.

KRAUER, Juan Carlos. La Revolución Liberal de 1904 en el Paraguay: El transfondo socio-económico y la perspectiva británica. In: *Revista Paraguaya de Sociología*, v. 20, n. 56, Assunção: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, 1983.

_____. Crecimiento Económico en el Paraguay. La Herencia de las Dos Guerras: 1864-70 / 1932-35. In: *Estado y Economía en Paraguay 1870-2010*. Assunção: CADEP, 2011.

LEITMAN, Spencer. The Black Ragmuffins. Social Hypocrisy in Nineteenth Century Southern Brazil. In: *The Americas*, v. 33, n.3, Washington: Academy of American Franciscan History, 1977, pp. 504-518

LENZ, Maria Heloisa. Crise e negociações externas na Argentina no final do século XIX: o início da insustentabilidade do modelo aberto. In: *Economia e Sociedade*, v. 15, n. 2 (27), Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2006, pp. 375-399.

LEWIS, Paul. *Partidos políticos y generaciones en Paraguay 1869-1940*. Assunção: Tiempo de Historia, 2016.

MOLINIER, Lila. La economía paraguaya de entreguerras. In: *Proceso histórico de la economía paraguaya*. Assunção: Secretaría Nacional de Cultura, 2012.

NICKSON, Andrew. *Historical Dictionary of Paraguay*. Londres: Rowman & Littlefield, 2003.

PESOA, Manuel. *Antonio Taboada*. Fundador principal y jefe del partido liberal paraguayo (1848-1913). Assunção: Orbis, 1979.

PIZARRO, Maria. *Guido Rodríguez Alcalá en el contexto de la narrativa histórica paraguaya*. Tese (Doutorado) - Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Alicante, Alicante, 2001.

PRADO, Mário. *O Processo de recuperação econômica do Paraguai após a Guerra da Tríplice Aliança (1870-1890)*. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

SEGATTO, Bruno. *Ahí está el Brasil sin careta: representações e usos políticos da guerra e da ocupação do Paraguai na imprensa de Buenos Aires, 1870-1876*. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SILVA, Alberto. *A noite das Kygua Vera: A mulher e a reconstrução da identidade nacional paraguaia após a Guerra da Tríplice Aliança (1867-1904)*. Niterói: Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, 1998.

VALINOTTI, Ana. *La Guerra civil del Centenario 1911-1912*. Assunção: El Lector, 1998.

VIANNA, Luiz. *A Sabinada na Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2008.

VILLAGRA, Luis. La economía paraguaya independiente. El periodo francista. In: *Proceso histórico de la economía paraguaya*. Assunção: Secretaría Nacional de Cultura, 2012.

WARREN, Harris. *Rebirth of the Paraguayan Republic: The First Colorado Era, 1878-1904*. Pittsburgh: Pittsburgh University Press, 1985.

_____. "Lincolnshire Farmers" in Paraguay: An Abortive Emigration Scheme of 1872-1873. In: *The Americas*, v. 21, n.3, Washington: Academy of American Franciscan History, 1965, pp. 243-262.

WARREN, Harris; WARREN, Katherine. *Paraguay and the Triple Alliance: the postwar decade, 1869-1878*. Austin: Institute of Latin American Studies, 1978.

WHIGHAM, Thomas. Silva Paranhos e as origens de um Paraguai Pós-Lopez (1869). In: *Diálogos*, v. 19, n. 13, Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2015, pp. 1085-1119.



FONTES

Correio da Manhã, Lisboa, 1889: Hemeroteca Digital Brasileira

Diario do Commercio, Rio de Janeiro, 1889: Hemeroteca Digital Brasileira

Espírito-Santense, Vitória, 1889: Hemeroteca Digital Brasileira

Liberal do Pará, O, Belém, 1889: Hemeroteca Digital Brasileira

The Rio News, Rio de Janeiro, 1880-1888: Hemeroteca Digital Brasileira

Recebido em 11/01/2022

Aprovado em 26/05/2022